



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Giuliano Bianco

**Coletes Amarelos:
sirenes, fumaça e fogo**

Florianópolis
2022

Giuliano Bianco

RELATÓRIO TÉCNICO

do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR 5808 – Projetos Experimentais, professor Fernando Crocomo

Orientador(a): Prof.(a) Daisi Irmgard Vogel, Dr.(a).

Florianópolis
2022

Giuliano Bianco

Coletes Amarelos: sirenes, fumaça e fogo

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2022.

Prof. Dr(a). Valentina da Silva Nunes

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Daisi Irmgard Vogel

Orientador(a)

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Ivan Luiz Giacomelli

Avaliador(a)

Universidade Federal de Santa Catarina

Marco Antonio Fürstenberger Favero

Avaliador(a)

Fotojornalista

Com carinho, para a minha família

AGRADECIMENTOS

Aos fotógrafos Jessé Giotti, Ricardo Woffenbüttel, Roberto Scola, Diorgenes Pandini, Carlos Estrela, Charles Guerra, Alvarélio Kurossu e Betina Humeres pelo papel de referências no fotojornalismo durante a época em que trabalhamos juntos na Editoria de Fotografia do Diário Catarinense. E um agradecimento especial para Marco Favero, que além de referência, também é integrante da banca deste trabalho e, acima de tudo, um amigo.

À professora Daisi Irmgard Vogel pela orientação dada durante o processo de produção deste TCC, mesmo com todas as mudanças e percalços pelo caminho. E, sobretudo, pela paciência. As sugestões dadas foram indispensáveis para os rumos que este trabalho tomou.

Ao professor Fernando Crocomo pelos ensinamentos durante a aula de Projetos Experimentais e por responder às diversas dúvidas que surgiram ao longo do caminho. Ao professor Ivan Luiz Giacomelli pelos ensinamentos durante as aulas e por aceitar participar da banca avaliadora deste trabalho .

Ao professor Mike Jarmon e à toda turma do curso de intercâmbio *Working with the 'real'*, da Linköping University (LiU), pelos feedbacks, conselhos e dicas. À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pela formação de qualidade e, é claro, pela presteza ao conceder a oportunidade dessa experiência fora do Brasil através da parceria com a universidade anfitriã, LiU.

A todos os amigos, colegas e conhecidos que, por possível falha na memória, não ousei citar nominalmente aqui, mas que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para a produção deste trabalho.

À minha família, por tudo.

RESUMO

Coletes Amarelos: sirenes, fumaça e fogo é um livro de foto reportagem que pretende documentar os protestos dos Coletes Amarelos com fotografias tiradas em Paris, durante os meses de Dezembro de 2018 e Janeiro de 2019. O *Mouvement des Gilets Jaunes*, como é conhecido em francês, é o movimento espontâneo que deu origem à sequência de protestos ocorridos em toda a França entre novembro de 2018 e março de 2019. Ao todo, durante mais de 5 meses de manifestações, cerca de 3 milhões de pessoas foram para as ruas. Destas, 10 morreram e quase 3 mil ficaram feridas. Quanto aos danos materiais, estima-se que o prejuízo tenha sido entre 2 e 13 bilhões de euros, com uma média de 110 carros queimados por dia e 600 lojas destruídas durante todos os protestos. Os protestos foram organizados por diversos grupos da sociedade civil francesa, aglutinados em pautas como o aumento dos impostos e contra a truculência da polícia. Os manifestantes usavam coletes amarelos fosforescentes para se identificar, item obrigatório em todos os carros da França, por isso ficaram conhecidos como protestos dos Coletes Amarelos. Este trabalho tem o objetivo de documentar as manifestações, mostrando mais um exemplo de como a população e o Estado francês lidam com choques que, de tempos em tempos, ocorrem no país.

Palavras chave: protesto; Coletes Amarelos; polícia; violência; França; fotojornalismo.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	S10
1.1	COLETES AMARELOS.....	10
2	JUSTIFICATIVA	14
2.1	FOTOGRAFIA.....	14
2.2	FOTOGRAFIA DOCUMENTAL	14
2.3	FOTO REPORTAGEM	16
3	PROCESSO.....	17
3.1	PRÉ-PRODUÇÃO	17
3.1.1	Medidas de segurança	17
3.1.2	Definição das datas.....	18
3.1.3	Definição da cidade.....	18
3.1.4	Locais de concentração	19
3.2	PRODUÇÃO.....	19
3.2.1	Conferir equipamentos	19
3.2.2	Ida até os locais de concentração	20
3.2.3	Ida até os locais de concentração	Erro! Indicador não definido.
3.2.4	Captação de imagens	20
3.2.5	Carregar baterias e backup de fotos	22
3.3	PÓS-PRODUÇÃO	22
3.3.1	Seleção e edição	Erro! Indicador não definido.
3.3.2	Seleção e edição	23
3.3.3	Paginação.....	25
3.3.4	Narrativa.....	26
4	RECURSOS.....	27
5	DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	28
5.1	VIOLÊNCIA FÍSICA E VERBAL.....	28
5.1.1	Dificuldades.....	28
5.1.2	Aprendizados.....	28
5.2	BARREIRA DE IDIOMA	29
5.2.1	Dificuldades.....	29
5.2.2	Aprendizados.....	29

5.3 FURTO.....	30
5.3.1 Dificuldades.....	30
5.3.2 Aprendizado	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXO A - FICHA DO TCC	33

1 APRESENTAÇÃO

Nesta seção, é apresentado o tema do livro *Coletes Amarelos: sirenes, fogo e fumaça*. Para tanto, tem-se uma breve introdução do que foi o movimento dos Coletes Amarelos, passando por qual tipo de movimento social ele se caracteriza, algumas das táticas utilizadas pelos manifestantes, como o governo francês respondeu aos protestos e quais foram as consequências que esse movimento teve na vida dos franceses.

1.1 COLETES AMARELOS

O movimento dos Coletes Amarelos, ou *Mouvement des Gilets Jaunes*, em francês, é o nome dado à sequência de protestos de origem espontânea que ocorreu em toda a França entre novembro de 2018 e março de 2019. Ao todo, durante os mais de 5 meses de protestos, cerca de 3 milhões de pessoas foram para as ruas. 10 morreram e quase 3 mil ficaram feridas. Quanto aos danos materiais, estima-se que o prejuízo tenha sido entre 2 e 13 bilhões de euros, com mais de 600 lojas destruídas durante os protestos e uma média de 110 carros queimados por dia.

Tudo teve início após o anúncio da progressão dos impostos sobre produtos energéticos de origem fóssil e também sobre as emissões de carbono. Pessoas da classe trabalhadora e classe média que vivem em áreas periurbanas da França, e dependem mais dos veículos para se locomover de suas casas para o trabalho nos centros urbanos, foram particularmente afetadas por esse aumento. Não à toa, o colete amarelo, item obrigatório em todos os veículos franceses, se tornou um símbolo do movimento.

No primeiro dia de protesto, em 17 de novembro, mais de 300 mil pessoas se mobilizaram por toda a França para criar barricadas e bloqueios nas estradas. Um dos catalisadores do ato foi um evento do Facebook criado por dois homens residentes de Seine-et-Marne, região periurbana ao leste de Paris. O intuito deles era bloquear todas as estradas para protestar contra o aumento de preços dos combustíveis. Esse tipo de organização espontânea através das redes sociais perdurou por toda a sequência de protestos do movimento dos coletes amarelos.

Além de pedir a redução dos impostos sobre os combustíveis, os manifestantes também exigiam a reintrodução dos impostos sobre grandes fortunas, o aumento do salário mínimo, melhorias nas políticas de democracia representativa, como o referendo de Iniciativa Cidadã, além do *impeachment* do presidente Emmanuel Macron.

Os protestos dos Coletes Amarelos podem ser definidos como fruto de um

movimento social urbano. Para Manuel Castells, esse tipo de movimento visa a transformação estrutural do sistema urbano ou uma modificação substancial da correlação de forças. Em última instância, uma alteração do poder do Estado. Para o autor, os movimentos sociais urbanos são “sistemas de práticas sociais contraditórias, isto é, que controvertem a ordem estabelecida, a partir das contradições específicas da problemática urbana.”

Essa contradição pode ser vista claramente na tática do movimento em utilizar de bloqueios nas rodovias após o aumento do preço dos combustíveis. Ao ter suas liberdades de descolamento reduzidas, perdendo o poder econômico material, de lazer e de sociabilidade, decidiram então fazer o mesmo transversalmente por toda a França.

Os Coletes Amarelos utilizaram-se também da tática urbana de ocupar vários lugares dispersos pelas cidades, começando as manifestações calmamente durante a manhã, para então terminar o dia com atos de violência. Em determinado momento, segundo Beatriz Pontes, o governo francês chegou a colocar nas ruas 1 membro da Força da Ordem para cada manifestante.

Além do grande número de militares, o tipo de armamento também foi uma discussão durante e após as manifestações. Isso porque, na época, a França era o único país europeu a utilizar munições explosivas em operações de manutenção da ordem, notadamente, as granadas de gás lacrimogêneo do tipo GLLI. Esses dispositivos causam lesões por ondas expansivas, produzidos com substância explosiva ou deflagrante. Eles podem mutilar e ferir moralmente um indivíduo, enquanto seu efeito sonoro intenso pode provocar lesões irreversíveis ao ouvido. Diversos casos de mutilação e perda de mãos e olhos de manifestantes colocaram em xeque o uso desse tipo de armamento para o controle de multidões durante os protestos.

As pautas adotadas inicialmente pelos Coletes Amarelos, com temas sentidos por boa parte da população, somadas à desproporcionalidade na resposta da polícia, manteve a popularidade do movimento durante os primeiros atos. Porém, a diluição destas mesmas pautas em diversas outras de menor representatividades, além de repetitivos casos de depredação pública e privada, começaram a pesar a balança para o lado oposto e minar o apoio da população francesa. Isso ficou evidente após uma pesquisa do Instituto Elabe, publicada no dia 13 de fevereiro de 2019, mostrando que para 64% dos entrevistados as manifestações se afastaram das reivindicações iniciais. Ainda mais revelador foi que 56% dos franceses acreditavam que o movimento deveria cancelar os protestos semanais. Isto representava um aumento de 11 pontos em relação ao mês anterior e, pela primeira vez

desde que começou, a população francesa achava que os Coletes Amarelos deveriam encerrar os atos semanais.

Parte da diminuição do apoio popular pode ser explicada pelos protestos se arrastarem por semanas, mesmo após parte das pautas que levaram os Coletes Amarelos originalmente às ruas já terem sido atendidas. A mobilização começou contra o aumento de imposto sobre o combustível para desestimular a utilização de transporte individual e a pressão popular fez o governo voltar atrás nessa cobrança. Porém, a pauta de reivindicações se ampliou motivada pela rejeição pública mais ampla das políticas econômicas de Macron. Manifestantes diziam que estas favoreciam grandes empresas e os ricos sobre os trabalhadores comuns. Eles focaram na queda no poder aquisitivo, na pressão fiscal e na busca por reformas que construíssem instituições mais representativas. Como resposta, Macron anunciou um pacote de medidas, no valor de cerca de 10 milhões de euros, para impulsionar o poder de compra dos trabalhadores e aposentados. Também não foi o suficiente.

Provavelmente porque parte do descontentamento não era sobre as políticas, mas sobre o político. Macron teve um primeiro turno impopular já na eleição presidencial, em maio de 2017. O resultado de seus aliados do *Mouvement La République en Marche* (LRM), no primeiro turno das eleições legislativas, em de junho de 2018, não foi melhor, sofrendo uma perda significativa de cerca de 2 milhões de votos. Para piorar, a abstenção bateu recordes no segundo turno das eleições legislativas: mais de 20 milhões de eleitores, ou seja, mais da metade dos inscritos preferiram abster-se. Então, mais do que propor políticas econômicas e tributárias objetivas, Macron precisava recuperar sua imagem. Para isso, ele fez o que Pontes bem descreve

Os seguidos protestos levaram Macron a fazer maratonas de debates com prefeitos e estudantes em discursos de tom conciliador, numa tentativa de se desvencilhar da imagem arrogante de “Presidente dos Ricos”, impingida desde seus primeiros meses no poder. Além disso, ele multiplicou encontros com lideranças partidárias e da sociedade civil. Alterações foram promovidas em sua equipe, no Palácio do Eliseu: colaboradores de longa data deram lugar a outros nomes para criar uma nova dinâmica na Presidência. Antes, um rigoroso crítico dos frequentes encontros de seu antecessor, François Hollande, com jornalistas, Macron mudou de ideia: [...] convidou 6 representantes da mídia para uma conversa de 2 horas e meia, em seu gabinete. Em seu forçado processo de mutação, chegou mesmo a ensaiar um *mea culpa* por suas constantes frases de efeito, percebidas como um desprezo pela população, que tanto prejudicaram sua imagem. (PONTES, 2019, p. 25).

Se de um lado Macron recuperava sua imagem e atendia certas demandas da população, de outro os protestos dos Coletes Amarelos perdiam mais e mais apoio. Os atos atingiram a França em um momento em que sua economia previa reajustes na previsão de crescimento econômico de 2019, de 1,7% para 1,4%. Devido ao vandalismo durante os atos, os manifestantes foram banidos da Avenida dos Campos Elíseos. Segundo dados do Observatório Nacional de Delinquência e Respostas Penais (ONDRP), 110 carros foram queimados por dia na França. Este fenômeno se intensificou com o movimento dos Coletes Amarelos e atingiu, principalmente, o norte e o sudeste da França. Os incêndios provocaram a destruição total de 77% dos carros. Os bombeiros tiveram que fazer, em média, 12,8 intervenções para cada 10 mil veículos. De novembro de 2018 a janeiro de 2019, os incêndios voluntários de bens públicos, incluindo veículos, tiveram uma alta de 45,2%. As cenas de carros, principalmente de polícia e de marcas de luxo, pegando fogo se multiplicaram nas ruas das cidades francesas durante os protestos.

Logo, esse rastro de destruição começou a afetar a população que já era prejudicada pelas políticas econômicas. “Espero que não sejamos afetados por este novo dia de protestos. Nós trabalhamos, não podemos parar de viver”, criticou um açougueiro, referindo-se aos atos de vandalismo contra estabelecimentos comerciais de Paris no final de dezembro de 2018.

Devido à sua natureza descentralizada e espalhada por diversas cidades da França, não é possível afirmar ao certo quando acabou a sequência de protestos que ficaram conhecidos como Coletes Amarelos. No entanto, é possível dizer que na maior parte da documentação encontrada sobre esse movimento social urbano, os últimos registros datam do final de março de 2019, legando ao movimento entre 18 e 20 semanas consecutivas de protestos em todo o território francês.

2 JUSTIFICATIVA

Nesta seção, é justificada a escolha do formato de foto reportagem. Para tanto, tem-se uma breve introdução sobre a invenção da fotografia e seu período histórico, passando pelos primórdios da fotografia documental até chegar à foto reportagem, escolhida como suporte deste trabalho.

2.1 FOTOGRAFIA

A Academia de Ciências de Paris anunciou a descoberta da fotografia feita por Louis Jacques Mandé Daguerre em 1839. Porém é importante destacar que diversos notáveis partilharam e contribuíram com este desafio de inventar um processo de fixação das imagens, tais como Joseph-Nicéphore Niépce, William Henry Fox Talbot, Hippolyte Bayard e Hercule Florence, entre outros.

No entanto, apesar da importância da invenção da fotografia e muitos destes nomes e suas contribuições técnicas e científicas, este trecho do relatório técnico tem seu foco dedicado para o que ocorreu a partir das últimas duas décadas do XIX. Isto porque é neste período que a fotografia ganha inovações determinantes para sua existência como a conhecemos hoje e nos moldes nos quais ela se deu na produção do presente trabalho: como um suporte na difusão e democratização da imagem. Este salto tecnológico foi possível, por exemplo, após a descoberta do filme de rolo de celulóide pela empresa Kodak, em 1889, que viabilizou a redução do tamanho e do peso dos equipamentos fotográficos.

2.2 FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

Apesar do termo *fotografia documental* começar a ser usado a partir dos anos 30 nos moldes como ele ainda é utilizado hoje, é possível reconhecer que desde a invenção da fotografia, fotos que poderiam ser classificadas como *fotografias documentais*. Um dos exemplos mais antigos e puros desta definição é a série fotográfica de Eadweard Muybridge, que registrou em série um cavalo galopante, em 1887.

E, embora o cenário na metade do século XIX fosse propício à introdução da técnica, a fotografia não foi rapidamente absorvida pela imprensa como uma linguagem documental. Muito mais se deu no campo da ciência, através do contraponto entre os processos artesanais em detrimento ao mérito documental das imagens manuais. Isso porque os desenhos e gravuras começaram a ser rejeitados como provas documentais, como no caso do arqueólogo Félicien

Caignard de Saulcy e do fotógrafo Auguste Salzmann.

Também não é à toa que o termo *fotografia documental* começa a ser usado a partir dos anos 30. Isso acontece porque esse é o período que esse gênero fotográfico vivia o seu apogeu, com o surgimento de revistas ilustradas como a *Life* e a *Vu*. Novas câmeras de pequeno formato surgem, assim como a Kodak começa a desenvolver novos filmes. Para a imprensa daquela época, assim como ainda é hoje, a informação da fotografia é uma autêntica arma na transmissão da informação. Este potencial de informação é parte contribuinte da justificativa na escolha do suporte deste presente trabalho.

Quanto às diversas definições do termo *fotografia documental*, algumas são contraditórias entre si. No início predominava a preocupação com a verdade, como com Hans Brøg que afirma que a fotografia pode ser falsa ou verdadeira, dependendo da mensagem implícita que se lhe atribuir. Ou quando Kulesha desenvolve o papel do observador/leitor, que somente pode interpretar a mensagem lida em uma fotografia como de fato sendo verdadeira ou falsa se obtiver a ajuda de outras fotos que contenham informações iconográficas em conexão com o seu conhecimento pessoal ou sua visão de mundo. Ele afirma que a fotografia em si "não é verdadeira nem falsa, nem certa, nem errada, nem diz a verdade e muito menos mente". Já Gisèle Freund coloca que a fotografia tem a

capacidade de reproduzir com tamanha fidelidade o mundo exterior, uma capacidade advinda de sua técnica, o que outorga a ela um caráter documental e a coloca como o mais exato e íntegro processo de registro da vida social. (FREUND apud OLIVEIRA, 1999, pg. 72)

No entanto, reflexões mais recentes, como as de Philippe Dubois, trazem uma retrospectiva histórica sobre a questão do realismo na fotografia, mostrando diferentes posições que defendem o princípio de realidade próprio da relação da imagem com seu referente, ou, como afirma o próprio Dubois

É que a fotografia, antes de qualquer outra consideração representativa, antes mesmo de ser uma imagem que reproduz as aparências de um objeto, de uma pessoa ou dê um espetáculo do mundo, é em primeiro lugar, essencialmente, da ordem da impressão, do traço, da marca e do registro. (DUBOIS apud OLIVEIRA, 1999, pg. 72)

Devido a esta contiguidade referencial da fotografia, como que da ordem de uma metonímia, Oliveira afirma que “algo diferencia a imagem fotográfica dos outros modos de representação, *um sentimento de realidade incontornável ao qual não conseguimos nos livrar*”. E esta frase destacada sintetiza perfeitamente uma das justificativas para que o presente

trabalho seja feito utilizando-se do suporte da linguagem de fotografia documental.

2.3 FOTO REPORTAGEM

Durante o período de 1840, nos jornais ilustrados da Europa e dos Estados Unidos, iniciaram-se as técnicas de utilização da fotografia servindo de base para xilografia. Para executar tal método, copiava-se à mão nas matrizes de madeira as fotografias para então montá-las juntamente com os textos tipográficos na mesma página. O mesmo processo foi apropriado, porém com a utilização de matrizes metálicas mais resistentes, e denominado de galvanoplastia ou eletrotipia. (CARDOSO apud SILVA, 2005, p. 64)

Logo, o livro *Coletes Amarelos: sirenes, fumaça e fogo*, uma cobertura de conflito civil entre a população e o governo francês, possui referências de foto reportagem de longa data. Isto porque a cobertura de guerras do período citado anteriormente é dada por historiadores da fotografia como um dos primeiros eventos a serem registrados como foto reportagem. Por exemplo, a guerra entre os Estados Unidos e o México, a maior conquista territorial da história, iniciada em 1846 e que se prolongou por dois anos, é apontada como o palco do primeiro conflito em que um daguerreotipista anônimo registrou imagens de soldados e oficiais. Além disso, a guerra da Crimeia, iniciada em 1853, foi o primeiro episódio fotografado de forma jornalística, ou seja, onde se tem o conhecimento da autoria das imagens. O autor destas imagens foi o inglês Roger Fenton, fotógrafo oficial do Museu Britânico, que precisou transportar até o campo de batalha uma carroça com seu equipamento, além de seu laboratório baseado no processo do colódio úmido. A foto reportagem foi publicada em forma de gravura no jornal *The Illustrated London News*, em 1855.

Porém, é somente após a Segunda Guerra Mundial que o panorama dos meios de comunicação sofre uma reestruturação, percebida principalmente no rádio, cinema e na fotografia. Finalmente estes meios podem impor, pelas suas capacidades e funções técnicas específicas, novos padrões de interpretação, marcados por impressões visuais e acústicas voltadas para a exatidão e rapidez. Esses meios viabilizaram uma cobertura jornalística rápida e, no desenvolvimento dos meios de comunicação e do contexto histórico-cultural conseguiram, com o tempo e ao lado da maturidade técnica, o *milieu* ideal para o nascimento da fotografia de reportagem da qual o presente trabalho se utiliza como suporte.

3 PROCESSO

Nas próximas páginas tem-se os detalhes do processo de produção do livro *Coletes Amarelos: sirenes, fumaça e fogo*. Para tanto, é feita uma divisão deste processo em três momentos. O primeiro deles, a *pré-produção*, constitui de todo e qualquer trabalho feito antes de dar o primeiro *click* na câmera fotográfica, o que envolve precauções de segurança, planejamento de viagem, pré-apuração e afins. O segundo momento constitui-se da *produção*, compreendendo os momentos em ação, ou seja, aqueles em que ocorreram as captações das imagens durante os protestos. Por último, mas definitivamente não menos importante, a *pós-produção*, que destina-se a relatar como se deu o trabalho entre o fim da captação das imagens e a entrega deste trabalho, contando com seleção e edição de fotos, montagem do livro, escolha de *softwares* e etc.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

3.1.1 Medidas de segurança

O trabalho começou ainda na metade de 2018, antes mesmo da eclosão dos protestos dos Coletes Amarelos. Isto porque a ideia original era fazer a cobertura do conflito de Donbass, região da Ucrânia que estava em guerra na época. Porém, essa pauta foi abandonada devido às dificuldades burocráticas com o governo ucraniano em conseguir a permissão para adentrar a zona de guerra como jornalista sem ainda ter os documentos necessários de um profissional formado. No entanto, desta pauta foram absorvidas algumas pesquisas sobre medidas de segurança para fotografar em ambientes de conflito. Dentro dessa pesquisa, vale ressaltar algumas conversas com o correspondente internacional Yan Boechat, que deu valiosas dicas de equipamentos de segurança e medidas de proteção em locais em que o fotógrafo fica exposto a riscos físicos.

Não à toa, após o início dos protestos dos Coletes Amarelos e a definição da possibilidade de cobertura do mesmo, os primeiros itens providenciados foram: capacete de proteção contra choques de pedras, bombas, balas de borracha e outros objetos arremessados durante o conflito; máscara de proteção da marca Dräger e modelo X-plore 6300 do tipo *full face*; e filtros de respiração para acoplar à máscara, com proteção contra gases do tipo CN, CS e REIS, ou seja, gás lacrimogêneo e outros tipos que pudessem irritar as vias respiratórias.

Este material de proteção foi de extrema importância durante a captação das

imagens durante momentos dentro de intensa nuvem de fumaça produzida pela queima dos carros, motos e outros objetos incendiados, bem como pelas bombas de gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral arremessadas pela polícia para dispersar a manifestação. E, com certeza, o item mais essencial foi o capacete, pois diversas vezes pedras eram arremessadas pelos manifestantes e, com frequência, algumas delas acertavam nos fotógrafos que estavam entre o cordão de isolamento da polícia e a linha de frente dos manifestantes.

3.1.2 Definição das datas

Com o início dos protestos no começo de novembro de 2018 e a incerteza de quanto tempo eles durariam, foi necessário definir as datas de viagem o quanto antes. Com base na cidade de Linköping, na Suécia, o deslocamento até Paris não seria tão problemático, tanto do ponto de vista da distância quanto do ponto de vista financeiro. Isto porque as passagens de avião de baixo custo são uma realidade difundida por boa parte dos países europeus.

Neste sentido, o que mais atrasou a ida até Paris foi, novamente, a burocracia para obter a liberação do governo francês para atuar como fotojornalista no país. Diferente do caso ucraniano, era possível obter tal autorização, mas apenas para jornalistas que comprovassem vínculo com algum meio de comunicação. Logo, foi necessária uma carta timbrada produzida pelo Coletivo MARUIM de jornalismo para conseguir a liberação para atuar como fotógrafo durante os protestos. Com esta carta em mãos, só então foi possível confirmar as datas, com chegada em Paris marcada para o dia 19 de dezembro de 2018 e retorno para a Suécia no dia 9 de janeiro de 2019, o que garantiria a cobertura 3 finais de semana de protestos, que geralmente ocorriam em maior proporção aos sábados, e mais 1 ato que ocorreu na virada do ano.

3.1.3 Definição da cidade

A escolha da capital francesa para a cobertura envolveu questões financeiras e também da ordem de proporcionalidade. Primeiramente, se viajar da Suécia para a França não custava tão caro, viajar dentro do território francês não oferecia a mesma facilidade. Então, como a passagem de avião mais barata era de Estocolmo para Paris, foi decidido que seria uma boa opção fazer a cobertura na capital francesa.

E, mais importante, Paris era a cidade com maior número de manifestantes e de conflitos durante os protestos. Logo, pareceu sensato que essa seria a escolha que poderia oferecer a maior probabilidade de capturar cenas que sintetizassem imagetivamente o tipo

de situação que a França enfrentava naquele momento. Outro fator importante é que, como os manifestantes utilizavam táticas de guerrilha urbana que utilizava os monumentos arquitetônicos icônicos como proteção. Desta forma, seria mais fácil fazer fotos que identificassem o cenário francês para o público que veria as fotos em outro país, por exemplo. Ou seja, brasileiros que talvez não conheçam lugares específicos do interior da França mas que, com certa facilidade, reconheceriam a Torre Eiffel ou o Arco do Triunfo.

3.1.4 Locais de concentração

A última definição era como encontrar os locais de concentração dos protestos. Como tática para evitar a polícia, os manifestantes descentralizaram esses locais e combinavam via redes sociais onde se encontravam durante o decorrer do dia. Como essa comunicação *online* foi utilizada desde o primeiro protesto, não foi difícil identificar quais eram os meios mais utilizados.

O mais utilizado era o Facebook, logo, foi onde buscou-se grupos fechados de manifestantes dos Coletes Amarelos. As palavras chaves eram *gilets jaunes*, ou coletes amarelos em francês, combinado com uma palavra chave de localização menos abrangente. Neste caso, *Paris*, por ser uma palavra chave que remete aos grupos da capital francesa.

Após obter acesso a cerca de uma dezena de grupos de Facebook, foi utilizada a ferramenta de tradução nas postagens para identificar possíveis locais de concentração espalhados por toda Paris. Estes locais eram então anotados em um bloco de notas digital, com endereço e distância entre estes e o ponto de partida de cada dia de produção, um hostel no bairro da Bastilha. Com esta lista de endereços e das respectivas distâncias, era possível fazer uma triangulação entre o hostel e os possíveis locais, o que facilitava uma escolha mais acertada de quais seriam as melhores opções de local para começar os dias de produção.

3.2 PRODUÇÃO

3.2.1 Conferir equipamentos

Antes de começar cada dia de produção, era feita um *checklist* dos equipamentos, tanto no que diz respeito à carga das baterias e espaço disponível nos cartões de memória, quanto ao próprio estado físico dos mesmos. Como muitas vezes os protestos eram violentos, existia uma preocupação em manter a integridade das câmeras e lentes.

Principalmente porque, um destes pares de equipamento era emprestado pela Universidade de Linköpin (LiU). Esta cedeu uma câmera e uma lente para a produção dos trabalhos práticos do curso *Working with the 'real'*, sobre filmes do gênero de documentário.

O corpo de câmera e a lente emprestadas pela LiU eram, respectivamente, uma Canon EOS 7D e Canon Ef 24-70mm F/2.8l Ii Usm. Além delas, a universidade também emprestou duas baterias para uso mais prolongado durante a produção. Por segurança, um segundo corpo de câmera com lente também foi levado em cada dia de protesto. Este equipamento era usado quando, por algum motivo, não era possível utilizar a Canon. Neste caso, câmera e lente não eram emprestadas, mas sim próprias, sendo elas, respectivamente, uma Sony A7 R Mark 3 e uma Samyang AF 35mm F2.8 FE. Quanto à memória, cada uma delas contava com um cartão SD de 128 *gigabytes*.

3.2.2 Ida até os locais de concentração

Um dos desafios de cada dia de produção era ir até o local de concentração dos protestos. Isto porque a locomoção era feita utilizando transporte público, majoritariamente o sistema de metrô de Paris, o que já implicava em caminhar do hostel até a estação de partida, bem como da estação até o local de concentração. Considerando que estes percursos eram feitos carregado com o peso dos equipamentos, o planejamento de quais seriam os locais de concentração ideal descrito no item 3.1.4 foi essencial.

Outro meio de transporte utilizado para facilitar deslocamentos pela cidade eram os patinetes elétricos de aluguel. Estes estavam disponíveis por diversas ruas de Paris, sendo necessário para seu uso fazer o cadastro nos aplicativos das empresas fornecedoras do serviço, bem como possuir cartão de crédito com pagamento internacional habilitado.

3.2.3 Captação de imagens

Chegando aos locais de concentração dos protestos, por vezes era necessário esperar até que o número de manifestantes fosse o suficiente para que o grupo começasse a se movimentar pelas ruas de Paris. Neste momento, ao invés de fotografar, muitas vezes era feita interação com os manifestantes, ou mesmo análise do ambiente na tentativa de encontrar os melhores ângulos para, quando chegasse o momento de fotografar, não fosse necessário fazer nenhum deslocamento na hora da ação. Esse momento de análise tinha um duplo ganho, primeiro porque aumentava as chances de conseguir fotos relevantes, segundo porque poupava as baterias das máquinas, bem como o espaço nos cartões de

memória. Pois, como não havia como carregar as baterias ou mesmo fazer *backup* dos cartões durante os protestos, estes deveriam durar até o fim de cada dia de produção.

Devido à tática de descentralização dos locais de concentração, quando os Coletes Amarelos iniciaram a marcha pelas ruas era comum ver outros pequenos grupos se juntando pelo caminho. Quando o número de pessoas chegava perto de uma centena, geralmente já haviam policiais franceses para acompanhar o movimento. Em diversos casos, os policiais faziam bloqueios em algumas ruas, o que gerava conflito entre estes e os manifestantes.

Durante o primeiro dia de cobertura, em 22 de dezembro de 2018, por não haver a certeza de choques entre a polícia e os manifestantes, foram captadas muitas imagens do começo dos protestos. Isso incluiu uma miríade de fotos de bandeira francesas sendo hasteadas, policiais bloqueando as ruas e manifestantes caminhando, até então, pacificamente pelas ruas. Se este exercício serviu para a captação de fotos com um tom mais ambiental, também foi um ensinamento para a importância de poupar as baterias da câmera. Isso porque, como já foi descrito nesse relatório, os ânimos esquentavam ao chegar o fim da tarde e começo da noite. Porém, no primeiro dia de captação, por ter sobrecarregado o uso das câmeras pela manhã, ao chegar à noite e com pouca bateria, quando começaram os choques entre os manifestantes e a polícia, foi necessário muita calma para discernir quais momentos mereciam registros ou não.

Melhorado esta parte do processo de economia de baterias, outra questão que precisava de atenção durante a captação dos protestos era a diferença de luz. Em momentos de intenso conflito, por exemplo, mesmo que ainda houvesse luz do sol, a quantidade de fumaça produzida pela queima de carros, motos ou mesmo produzida por bombas de gás lacrimogêneo era tão intensa que, muitas vezes, deixava as fotos subexpostas. Com toda a adrenalina de estar em meio à batalha, era contraproducente fotografar em modo manual durante todo o protesto. Então, a solução adotada para normalizar a quantidade de luz nas captações foi utilizar os modos de *Prioridade de velocidade* e *Prioridade de abertura*. Durante os momentos de intenso conflito, as imagens eram captadas no modo *Prioridade de velocidade*, para que, neste caso, fosse necessário ajustar apenas a velocidade do obturador, na busca de dar o efeito de imagem “congelada” ou com “rastros” de movimentos, conforme o escolhido para cada caso. Já nos momentos um pouco mais calmos, mas ainda com certa tensão, foi utilizado o modo de *Prioridade de abertura* para, neste caso, ajustar melhor a profundidade de campo escolhida para cada caso. O modo de fotografia sequencial *Burst* também foi muito utilizado, devido às movimentações

constantes. Nesse modo, a câmera continua fotografando enquanto o botão de *click* é mantido pressionado. Como resultado final, tem-se uma sequência com muito mais fotos para serem escolhidas.

Como já mencionado, outra preocupação durante os momentos de maior tensão era com a segurança física. Por diversas vezes foi necessário utilizar pilastras, placas e postes para proteção contra pedras arremessadas pelos manifestantes ou de balas de borracha atiradas pela polícia. Isso dificultava a escolha dos lugares para a melhor captação das imagens, apesar de não impedir a mesma. Vale ressaltar que, durante a cobertura, pelo menos 3 grandes pedras atingiram o capacete, bem como uma bala de borracha passou de raspão na altura da coxa da perna direita.

3.2.4 Carregar baterias e backup de fotos

Após cada dia de protesto, ao voltar para o hostel, a primeira coisa a ser feita era colocar as baterias para carregar, preferencialmente começando com as da máquina Canon, por ser a mais utilizada. Em seguida, os cartões das máquinas eram retirados e descarregados para a memória interna do notebook Alienware 15 R3. Também era feito um *backup* de segurança das mesmas imagens para uma HD externa de 1 *terabyte*. Para a organização das fotos, foi criado um modelo de nomenclatura contendo primeiramente a data e depois qual o protesto essa captação se referia. Como por exemplo: *2018.12.29 - 7th Gilet Jaunes Protest*, no qual refere-se às fotos tiradas no sétimo protesto dos Coletes amarelos, no dia 29 de dezembro de 2018. Dentro dessa pasta primária, foram criadas mais duas pastas, uma com o nome Canon e outra com o nome Sony. Essa separação foi feita para facilitar a edição, já que estes modelos de câmera possuem predominâncias de cores diferentes, sendo as imagens da Canon mais saturadas em vermelho e laranja, e as da Sony mais saturadas em azul e verde.

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

3.3.1 Definir padrão

É difícil escolher um número exato para a quantidade de fotos que serão publicadas no livro. Por isso, foi estabelecido esse número antes de começar a seleção. Não como uma regra, mas para dar uma direção. Outra alternativa para atingir esse número de imagens seria colocar uma seleção maior de fotos em um layout simples, de uma foto por página,

por exemplo. E então revisar o tamanho final do livro, assim tendo uma noção mais próxima da realidade. Em um vídeo, o fotógrafo Sean Tucker explica isso ao mostrar seu objetivo de publicar um livro de 90 fotos, 45 em preto e branco e 45 coloridas. No mesmo vídeo, ele admite que chegou à conclusão final de que seria melhor se fossem 40 fotos preto e branco e 60 coloridas, totalizando 100 imagens. O número de fotos que ele utilizou (100) e parte do método para a redução da quantidade inicial de imagens até obter o valor planejado foi utilizado neste trabalho. Este processo de seleção e edição está descrito a seguir.

3.3.2 Seleção e edição

Ao todo, foram tiradas 3388 fotos durante a cobertura dos quatro atos dos Coletes Amarelos: 987 no ato de 22 de dezembro de 2018 (Ato VI); 665 no ato de 29 de dezembro 2018 (Ato VII); 637 no ato de 01 de janeiro de 2019 (Ato de Ano Novo); e 1099 no ato de 05 de janeiro de 2019 (Ato VIII). A seguir, uma tabela com a data de cada protesto, bem como o número de fotos capturadas em cada máquina.

Total de fotos			
Data	Canon 7D	Sony A7 R3	Total
22/12/2018	768	219	987
29/12/2018	359	197	665
01/01/2019	622	15	637
05/01/2019	876	223	1099

De todas essas fotos, foi feita uma primeira seleção e edição de correção básica de exposição e contraste, diminuindo para um total de 1518 imagens. Como em muitos dos casos as fotografias foram tiradas em momentos de agitação ou no meio do conflito, várias imagens não tinham qualidade necessária para publicação, por motivos como estarem tremidas, com foco errado ou mesmo porque, dentro de uma sequência de fotos, tinham menos qualidade do que outras semelhantes.

Selecionada essa primeira leva, foram separadas as imagens pela data que ocorreram e utilizado o programa *ImageSorterV4* para emular uma seleção das fotos reveladas. Isso foi feito porque, como sugere o fotógrafo Evan Ranft, uma boa forma de decidir quais são as fotos para publicar em um livro, é revelar uma seleção delas em baixa qualidade e tamanho pequeno, colocá-las lado a lado e fazer a seleção.

Então, para diminuir os custos de ter que revelar mais de 1500 fotos, foi possível ter

uma experiência semelhante utilizando o programa *ImageSorterV4* para atingir os mesmos fins de forma digital e totalmente gratuito. Com este aplicativo, é possível visualizar um conjunto de fotos de uma pasta por ordem de nome, de data que foram tiradas e até aglutinadas por proximidade da paleta de cores. Este último recurso foi utilizado para fazer as seleções seguintes.

Foram separadas as fotos em quatro pastas, cada uma contendo as imagens tiradas em um dos protestos citados acima. Essa separação foi feita devido à uma limitação do programa *ImageSorterV4* em processar todas as fotos de uma só vez. Em contrapartida, se revelar mais de 1500 fotos seria financeiramente inviável, utilizar o *ImageSorterV4* para comparar todas essas imagens de uma vez só se mostrou de grande ajuda.

Logo, utilizando essa organização da data de captura das imagens, chegou-se à segunda rodada de seleção, o que resultou em um total de 435 fotos. Para essa rodada, o critério de escolha foi mais granular do que no primeiro, pois já não haviam mais fotos borradas, sem foco ou, por algum motivo, impublisháveis. A escolha partiu mais de princípios subjetivos da apreciação de quais seriam as melhores, comparadas umas às outras. Por exemplo, como já citado na seleção anterior, tiveram algumas sequências de fotos nas quais foram pinçadas as melhores. Isso porque os protestos foram fotografados durante a maior parte do tempo em modo *Burst*, como já citado. Fotografando nesse modo, é comum ter um resultado de várias imagens parecidas umas às outras. Esse modo foi utilizado devido às ações que aconteciam em frações de segundo, o que dificultava a captura desses momentos fotografando no modo *Normal*.

Apesar desta segunda seleção ter chegado a um número quase nove vezes menor de fotos comparado à quantidade inicial, ainda era necessário fazer mais uma curadoria, para reduzir o número para algo próximo de 100 imagens. A partir de referências como as citadas no subcapítulo anterior (3.3.1), chegou-se ao número de uma centena de imagens para tornar mais factível a paginação do livro.

Utilizando critérios parecidos na escolha das melhores imagens, mas mudando a tática de comparação de seleção das fotos. Desta vez, já que a limitação de quantidade de imagens processadas não seria um problema, foram colocadas as 453 fotos em uma única pasta e comparadas todas de uma vez utilizando o *ImageSorterV4*. Já com um número reduzido de imagens, não havia mais o problema de exceder o limite processável pelo aplicativo. Além disso, comparando todas as fotografias de uma única vez, seria mais fácil perceber quais delas se encaixariam melhor à narrativa a ser adotada no livro.

Ainda que tenha atingido o objetivo de reduzir a quantidade de fotos para algo

próximo de uma centena (a seleção resultou em um total de 111 imagens), ainda não foi possível chegar à uma conclusão de qual seria a melhor maneira para construir o fio condutor da narrativa. Então, por isso, foi decidido partir para paginação. Com as imagens dispostas nas páginas, talvez fosse possível encontrar o fio condutor de maneira mais orgânica.

3.3.3 Paginação

Para iniciar a paginação do livro, a primeira escolha foi qual programa utilizar. Como já havia experiência com a linha da *Adobe* de edição de imagens, por motivos práticos foi utilizado um de seus aplicativos. Primeiramente, foi considerado utilizar o *Adobe InDesign*, por ser um aplicativo comum para executar a tarefa de paginação e diagramação. Porém, fazendo algumas pesquisas sobre autopublicação de fotolivros, chegou-se à conclusão de que utilizar a aba de ferramentas *Book* do *Lightroom Classic* seria a forma mais usual de fazer este tipo de trabalho.

Uma das razões é que, a partir de um catálogo de fotos selecionado, apenas clicando na aba de ferramentas *Books*, o próprio *Lightroom* cria um template de livro pré-definido com as configurações padrão. Ou seja, o ponto de partida é muito mais avançado do que se utilizado o *Indesign*, o que daria mais dinamismo e agilidade para outras escolhas mais delicadas do livro.

Escolhas como qual o formato adotar, por exemplo, que foi a primeira decisão a ser tomada. Como a ideia era ter um *layout* básico, com uma maioria de páginas com apenas uma foto, fugindo deste modelo apenas quando necessário ou para dar dinamismo ao livro, foi decidido utilizar o formato paisagem. Em primeiro lugar porque este formato confere mais harmonia para páginas com apenas uma foto. Em segundo lugar porque, das 111 fotos selecionadas, apenas uma era em formato retrato. Essa predominância de imagens na mesma orientação não foi conscientemente pensada, mas de alguma forma fez parte do processo criativo, tanto na hora da captura, quanto no momento de seleção das imagens.

Decidido o formato paisagem, foi escolhida a proporção padrão de 25cm de largura por 20cm de altura. Isso porque, caso o livro seja publicado fisicamente algum dia, esse formato tornaria essa publicação economicamente mais viável. Já o *layout* básico das páginas foi escolhido sem sangramento e sem legenda nas fotos. Essa escolha de falta de legendas faz parte de uma ideia da narrativa do projeto, que será abordada a seguir.

3.3.4 Narrativa

A premissa adotada para a elaboração deste livro é que a maior potência dele reside nas fotografias. Caso isso pareça redundante em um livro de foto reportagem, vale lembrar que diversos livros do gênero contam com uma proporção da mancha gráfica de cada página dedicada para textos explicativos ou de legenda. Não é o caso deste trabalho.

Devido ao distanciamento temporal e geográfico do assunto, colocar legendas nas fotos poderia resultar em mera constatação do óbvio. Textos de legenda como *“Manifestante entram em conflito com policiais”* ou *“Coletes Amarelos incendiam veículo em rua de Paris”* não acrescentariam nada além do que a própria imagem não trouxesse com muito mais impacto. Ademais, em virtude da barreira de idioma e da natureza dinâmica e, em muitos casos, violenta da apuração destas imagens, não foi possível extrair muitas informações de entrevistados durante os protestos.

Logo, se a força da narrativa reside em criar uma documentação fotográfica que seja construída como uma história pictórica aos olhos de quem pousa os olhos sobre o interior desse livro, a escolha de páginas que contenham apenas fotos não parece muito distante do propósito final que pretende-se encontrar com este trabalho. Neste sentido, foram escritos dois textos para compor esta publicação: um primeiro, para introdução do fenômeno dos Coletes Amarelos, com uma breve apresentação de como e porquê surgiram os protestos; e outro, de finalização, que mostre um pouco dos desdobramentos e consequências desse conflito civil.

Resumindo, o intento deste trabalho é fazer com que a pessoa que folhear suas páginas sinta-se, mesmo que por um breve momento, em meio às sirenes, fumaça e fogo que fizeram parte de sua apuração. Afinal, como já mencionado anteriormente, *a fotografia possui um sentimento de realidade incontornável ao qual não conseguimos nos livrar.*

4 RECURSOS

É apresentado a seguir uma tabela com os preços dos equipamentos usados para a produção do livro *Coletes amarelos: sirenes, fumaça e fogo*. É importante destacar que, apesar de ser apresentado apenas gastos de equipamentos, outros gastos, como hospedagem e passagens aéreas, também fizeram parte do mesmo.

No entanto, decorrido tanto tempo após a apuração, muitos registros desses gastos se perderam. Então, para manter uma organização minimamente ordenada destes valores, decidiu-se por publicar apenas os valores dos equipamentos utilizados.

Quanto aos equipamentos emprestados pela universidade LiU, estes estão registrados na tabela como *Fonte Emprestada*, e seus valores foram retirados de pesquisa de produtos do mesmo modelo em sites de venda. Já os equipamentos comprados, se o mesmo tiver sido pago com uma moeda estrangeira, será feita uma conversão com a cotação atual para a disposição na coluna de *Custo (Unidade)*.

Equipamentos			
Descrição	Quantidade	Fonte	Custo (Unidade)
Canon 7D	1	Emprestado	R\$ 4900,00
Canon Ef 24-70mm F/2.8l Ii Usm	1	Emprestada	R\$ 10700,00
Cartão de memória SD 128GB	1	Emprestado	R\$ 299,00
Sony A7 R3	1	Próprio	R\$ 6805,00
Samyang AF 35mm f/2.8 FE	1	Próprio	R\$ 1428,28
Cartão de memória SD 128GB	2	Próprio	R\$ 299,00
Máscara Dräger X-plore 6300	1	Próprio	R\$ 496,28
Filtro CN CS REIZ	2	Próprio	R\$ 311,26
Notebook Alienware 13 R3	1	Próprio	R\$ 6413,19
HD WD Black 5TB	1	Próprio	R\$ 575,41
CUSTO TOTAL	-	-	R\$ 32538,68

5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Nesta seção final são abordadas as dificuldades e quais aprendizados tais desafios proporcionaram para futuras experiências na área. Escolheu-se abordar os tópicos por cada problema, para que sejam entendidos de maneira individualizada e, assim, seja mais fácil o entendimento de quais foram as dificuldade e aprendizados geradas por cada situação

5.1 VIOLÊNCIA FÍSICA E VERBAL

5.1.1 Dificuldades

Os desafios de fazer uma apuração em meio a um cenário caótico e violento podem parecer óbvios, no entanto vale a pena destacar alguns deles que talvez não sejam tão óbvios assim. No caso de manifestantes e policiais, por exemplo, com mais constâncias os ataques aos jornalistas e fotógrafos vieram da parte dos manifestantes e não da polícia. Isso porque os Coletes Amarelos mantinham um constante clima de desconfiança com a imprensa o que, muitas vezes, se traduzia em fotógrafos sendo vistos como uma ameaça ao movimento. Não foram raras as situações de hostilização por parte dos manifestantes, inclusive chegando à agressão física por alguns deles.

Tendo dito isso, a polícia também não facilitava a situação para jornalistas que não fossem dos veículos de imprensa franceses. Por regionalismo ou, também, por desconfiança, em alguns momentos era difícil obter acesso aos locais destinados à imprensa, principalmente com a constante barreira de idioma pairando em qualquer necessidade de argumentação.

Com este cenário de constante tensão de ser atacado a qualquer momento, algumas fotos ou momentos foram perdidos para garantir a segurança mínima na tentativa de continuar cobrindo os protestos até o final. Não surpreende que muitas fotos tenham saído sem foco, tremidas ou até mesmo fora de qualquer contexto, já que fica difícil manter a serenidade necessária para performar o papel de fotógrafo sem cometer falhas diante de constantes explosões, pedradas, bombas de gás lacrimogêneo e efeito moral, além de outras formas de hostilização.

5.1.2 Aprendizados

O primeiro aprendizado a ser adotado para toda e qualquer pauta que também

possua esse clima de violência é certificar-se de atender a todas as medidas de segurança possíveis. Como citado anteriormente, foram adquiridos equipamentos de proteção que foram essenciais na produção das fotos deste livro e, mais do que isso, em alguns casos impediram que um problema maior acontecesse.

Durante o processo de apuração, 3 pedras atingiram o capacete com força tamanha que foi necessário se afastar dos ataques para recuperação e certificação de que era possível continuar. Em um outro momento, um tiro de borracha passou de raspão na altura da coxa da perna direita. Neste caso, não havia nenhuma proteção para cobrir a região, mas também foi necessário parar por alguns instantes para recuperação. Além disso, incontáveis foram os momentos em que a intensidade da fumaça de gás lacrimogêneo ou de algo pegando fogo superava os limites do aceitável, mesmo utilizando máscara de gás, e era preciso se afastar do ambiente para recuperar o fôlego.

Logo, outro aprendizado que pode ser retirado de uma apuração em ambiente de conflito é respeitar os próprios limites. Ou seja, entender os momentos de permanecer no conflito e fazer a apuração fotográfica, mas também de entender que há momentos que é melhor não se expor demais e que a melhor opção é se retirar momentânea ou permanentemente da zona de ataque.

5.2 BARREIRA DE IDIOMA

5.2.1 Dificuldades

Surpreendentemente, de maneira geral o povo francês não detém um domínio da língua inglesa. Isso gerou diversos problemas de comunicação durante os períodos de pré-produção e produção deste livro. Por exemplo, era praticamente impossível encontrar um manifestante que pudesse expressar suas motivações e objetivos durante os protestos de maneira clara e inteligível. As poucas tentativas de comunicação acabaram frustradas nas dificuldades de entendimento de ambas as partes.

Como já citado, o mesmo vale para a comunicação com o corpo de polícia que fazia o controle dos protestos. Em diversos momentos era complicado transpor barreiras montadas por eles, mesmo que a imprensa tivesse permissão para passar, porque os policiais que guardavam a barreira não entendiam qualquer explicação ou argumentação em inglês.

5.2.2 Aprendizados

Diante da dificuldade de comunicação com a população, um dos maiores aprendizados foi a importância de uma pré-produção bem feita. Em diversos momentos foi a pesquisa anterior à fotografia que delimitou o grau de sucesso que as fotos teriam. Por exemplo, se fosse a depender da informação das pessoas nas ruas para encontrar os locais de concentração dos protestos, muito provavelmente não seria possível encontrá-los. Ou mesmo encontrar o melhor caminho até esses locais já seria difícil.

Outro ponto que vale ressaltar é a importância de utilizar as ferramentas digitais. Em muitos casos, a solução para as adversidades da barreira de comunicação residia em procurar ferramentas que contornassem tal problema. Seja com um tradutor gratuito, com mapas da cidade traduzido para o inglês ou mesmo para o português, com os aplicativos de aluguel de patinetes elétricos que poupavam a dificuldade de comunicação e o preço exorbitante de um taxista ou tantos outros problemas que puderam ser resolvidos apenas com o uso de celular e internet.

5.3 FURTO

5.3.1 Dificuldades

Se as ferramentas digitais podem ser a solução para alguns problemas, ficar sem elas pode ser o maior dos problemas. Na noite da virada do dia 31 de dezembro de 2018 para o dia 1 de janeiro de 2019, durante o protesto ocorrido na Avenida dos Campos Elíseos, ocorreram centenas de furtos de celular. O aparelho utilizado durante a produção deste trabalho foi um deles.

Isso gerou problemas de ordem direta, com a perda de algumas fotos e informações contidas no aparelho. Porém, a maior dificuldade foi de ordem indireta. Sem o celular era praticamente impossível lembrar o caminho de volta para hospedagem, o que fez com que fosse necessário pedir ajuda de diversas pessoas, além de precisar contar em parte com a sorte e em parte com a memória para lembrar o caminho do hostel.

5.3.2 Aprendizado

Utilizar a tecnologia pode ser uma faca de dois gumes. Ao mesmo tempo que pode ser um facilitador, quando disponível, caso seja a única opção, pode se tornar uma dificuldade imensa em caso de indisponibilidade. Então, em um ambiente desconhecido e de difícil comunicação, por segurança, é importante criar soluções analógicas e

redundantes para problemas que, aparentemente, são de fácil resolução com celulares e outros dispositivos eletrônicos, mas bem complicados sem eles.

REFERÊNCIAS

BIRH, Alain. **Os coletes amarelos: é só o começo...** São Paulo: Lutas Sociais, vol. 23, p.156-173, jan./jun. 2019.

GESLIN, Anne. **Autenticidade e sinceridade na fotografia de reportagem.** São Paulo: Galáxia, n. 19, p.191-212, jul. 2006.

OLIVEIRA, Lisbeth. **Fotografia documental e início do fotojornalismo.** Comun. Inf., v. 2, n. 1, p.63-77, jan./jun. 1999.

PONTES, Beatriz. **França: movimento social dos “coletes amarelos”.** Recife: Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, vol. 8, n.1, p.5-33, 2019.

RANFT, Evan. **How I Made A Photo Book!**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BWCfx-Wp23c>. Acesso em: 05 dez. 2022.

SILVA, Telma. **Os primórdio da foto reportagem: a cobertura fotográfica da guerra de Canudos na Bahia.**

TUCKER, Sean. **How I Self-Publish my Photography Zines/Books (Printing, Selling, Sequencing and Design).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDV5QjbDuNA>. Acesso em: 05 dez. 2022.

ANEXO A - FICHA DO TCC

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC	
ANO	2022
ALUNOS (A)	Giuliano Bianco
TÍTULO	Coletes Amarelos: sirenes, fumaça e fogo
ORIENTADOR (A)	Daisi Vogel
MÍDIA	<input type="checkbox"/> Impresso
	<input type="checkbox"/> Rádio
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo
	<input checked="" type="checkbox"/> Foto
	<input type="checkbox"/> Web site
	<input type="checkbox"/> Multimídia
CATEGORIA	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro) Local da apuração:
	<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem () () Florianópolis () Brasil () Santa Catarina (X) Internacional () Região Sul País: França
ÁREAS	Protesto; Manifestação; Conflito; Repressão policial; França
RESUMO	<p><i>Coletes Amarelos: sirenes, fumaça e fogo</i> é um livro de foto reportagem que pretende documentar os protestos dos Coletes Amarelos com fotografias tiradas em Paris, durante os meses de Dezembro de 2018 e Janeiro de 2019. O <i>Mouvement des Gilets Jaunes</i>, como é conhecido em francês, é o movimento espontâneo que deu origem à sequência de protestos ocorridos em toda a França entre novembro de 2018 e março de 2019. Ao todo, durante mais de 5 meses de manifestações, cerca de 3 milhões de pessoas foram para as ruas. Destas, 10 morreram e quase 3 mil ficaram feridas. Quanto aos danos materiais, estima-se que o prejuízo tenha sido entre 2 e 13 bilhões de euros, com uma média de 110 carros queimados por dia e 600 lojas destruídas durante todos os protestos. Os atos foram organizados por diversos grupos da sociedade civil francesa, aglutinados em pautas como o aumento dos impostos e contra a truculência da polícia. Os protestantes usavam coletes amarelos fosforescentes para se identificar, item obrigatório em todos os carros da França, por isso ficaram conhecidos como protestos dos Coletes Amarelos. Este trabalho tem o objetivo de documentar as manifestações, mostrando mais um exemplo de como a população e o Estado francês lidam com choques que, de tempos em tempos, ocorrem no país.</p> <p>Palavras chave: protesto; Coletes Amarelos; polícia; violência; França; fotojornalismo.</p>

ANEXO B - DECLARAÇÃO DE AUTORIA E

ORIGINALIDADE DECLARAÇÃO DE AUTORIA E

ORIGINALIDADE

Eu, Giuliano Marcus Bianco, aluno regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 12102200, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Olho nos fatos** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 05 de dezembro de 2022

Assinatura